

O que mais me impressionou, nas últimas comemorações de nossa independência, foi a idéia que teve um locutor de televisão de perguntar a pessoas do povo, de todas as idades e sexos, qual era a importância que davam a esse dia festivo. Com perplexidade, para ele e para os ouvintes, a quase unanimidade confiou de confissão nada saber a respeito.

Apenas duas mulheres de meia-idade se arriscaram a indagar se não se tratava de Pedro Álvares Cabral... Felizmente, os adolescentes revelaram algum conhecimento, mas era perceptível a insegurança com que se manifestavam.

Não menos impressionante foi a atitude jocosa do locutor, com um sorriso pretensioso, sem perceber que estava levantando o véu que cobre uma de nossas mais tristes realidades: a ignorância de nossa gente a respeito de nossa história. Um fato dessa natureza vem revelar tanto a precariedade de nosso ensino fundamental como a carência dos tão alardeados processos de alfabetização de adultos.

Em primeiro lugar, é preciso corrigir os dados estatísticos sobre nossa real alfabetização, que somente se torna uma realidade viva quando há um mínimo de compreensão das palavras, não podendo tudo reduzir-se a mero grafismo, em pouco tempo esquecido, sobretudo quando a freqüência às aulas se limita a um ou dois anos, tão imenso é o número de alunos que as necessidades vitais da família obrigam a abandonar os estudos. O mais revoltante é que existem leis que punem os pais e os municípios quando ocorrem fatos tão lamentáveis, como se eles não tivessem como causa a tremenda crise social reinante no País.

Não cabe, em tal conjuntura, falar em "falta de patriotismo", pois este tem como pressuposto a aquisição da cidadania, a qual, por sua vez, é ex-



Não existe cidadania sem consciência histórica, bem comum do povo

pressão de *consciência histórica*.

Nossa gente não carece de patriotismo, pois não é apenas nos campeonatos de futebol que temos sabido demonstrar valores de participação comunitária, tendo sabido demonstrá-lo em mais de uma oportunidade, quer em geral revide a ofensas recebidas do estrangeiro, quer para repúdio a governantes que atentem con-

tra os valores da sociedade e do Estado.

Essa é uma razão a mais para cuidarmos de penetrar nas razões primeiras pelas quais somos um país sem consciência histórica, fluando nas ondas da atualidade, sem conhecimento das raízes que nos prendem ao passado.

A questão é essencialmente cultural, a começar pelo ensino fundamental, que, como já tenho dito e repetido, não é animado por verdadeiro espírito cívico. Quando menino, por motivos que refiro em minhas *Memórias*, fui matriculado no quarto ano elementar do então Instituto Médio Dante Alighieri, não obstante já ter concluí-

do o curso primário em ótima escola de Itajubá, com as carinhosas e competentes mestras Isaura Santos e Conceição Pinto. É que não sabia palavra alguma de italiano e era no idioma de Dante que, na época, se ministrava o ensino de todas as disciplinas, sendo a língua portuguesa equiparada à francesa e à inglesa, com uma aula a mais por semana.

Pois bem, o que marcou para sempre minha memória foi o empenho dos professores italianos no sentido de transmitirmos o orgulho dos feitos históricos da Itália, lembrando, a todo instante, as datas e as personalidades mais representativas de sua vida política e literária. Não se tratava de um nacionalismo fátuo, mas de calorosa exaltação de um alto passado que dava significação maior ao presente. Não creio que a mesma atitude reine na maioria das escolas oficiais ou particulares brasileiras.

É a carência de sentido histórico permanente que, a meu ver, compromete a nossa formação cultural, desde a escola às universidades, não sendo demais observar que nosso programa de alfabetização de adultos se restringe à transmissão de palavras, sem se aproveitar da oportunidade para fazer o povo ser contemporâneo dos bandeirantes, de Tira-

dentos, de Pedro I e de José Bonifácio de Andrada e Silva, dando-lhe noções sobre o significado da República e do regime democrático.

Seria absurdo, porém, pensar que lacunas históricas tão graves, como as que existem em nossa sociedade, possam ser corrigidas tão-somente por intermédio da escola, pública ou privada.

Numa época marcada pelo triunfo dos meios eletrônicos de comunicação, seria deveras risível que fosse esquecida a responsabilidade que cabe às entidades radiofônicas e televisivas, notadamente por constituírem concessionárias de serviço público, o que freqüentemente olvidam.

É claro que, às vésperas de 22 de abril, de 7 de setembro ou de 15 de novembro, não faltam no rádio e no vídeo referências ao Descobrimento do Brasil, à Independência ou à República, mas, convenhamos, tudo é tratado como se o povo em geral tivesse efetivo conhecimento da significação dessas datas. Parece que temos pudor de revelar a profundidade de nossa incultura, nos dispensando de oferecer noções elementares sobre nossos fatos históricos fundamentais. Essa falta de sensibilidade para com as deficiências existentes nas matrizes de nosso conhecimento histórico se revela até mesmo nas TVs destinadas à difusão de problemas culturais, parecendo que há temor de que possa redundar em desprestígio a atenção dispensada ao que se julga sabido e ressabido. Há, por outro lado, mil modos de oferecer os quadros essenciais de nossa história de maneira rudimentar, mas com esmerado e aliciente senso artístico.

Não se pense que esteja aqui reclamando lições de "moral e civismo", no estilo que tanto as desprestigiou na época do "sistema militar", mas estou apenas apontando as lacunas de nossa formação cultural, a maior das quais é o esquecimento de que *não existe cidadania sem consciência histórica, bem comum do povo*.

